UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO

Thaís Rodrigues da Silva Mello

O livro de bolso

Rio de Janeiro

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Da Silva, Thaís
DD1111 O Livro de Bolso / Thaís Da Silva. -- Rio de Janeiro, 2022.
247 f.

Orientadora: Liliane Benetti.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Belas Artes, Bacharel em Artes Visuais: Escultura, 2022.

1. Calcinhas. 2. Segredos. 3. A casa. I. Benetti, Liliane , orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

Thaís Rodrigues da Silva Mello

O livro de bolso

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, para a obtenção do título de bacharel em Artes Visuais - Escultura.

Data de Aprovação:

Rio de Janeiro, ___ de _____ de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Liliane Benetti (Orientadora - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Profa. Dra. Marina Ferreira Frega (Avaliadora - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Profa. Dra. Mayana Martins Redin (Avaliadora Externa)

Para todas as
pessoas que já me
atravessaram,
mesmo que por
pensamento ou
sonho.

AGRADECIMENTOS

Aline, Luís, Felipe, Mariliza, Plotino, Nelly, Iran, Luciana, Maria Carolina, Hannah, Lucy, Gato, Tonha, Mascavo, Marcos Vinícius, Marquinho, Luciene, Marcelinho, Marcelo, Jamel, Cristina, Júlia, Mariana, Marina, Arthur, Adriana, Renatinho, Luana, Caique, Giovanna A, Giovanna S, Victória M, Victória N, Sylvia, Yole, Vanessa, Paula, Nina, Gizella, Carol Y, Rafaelas, Marcela, Marina, Giovanna C, Beatrice, Júlia B, Júlia M, Baiano, Ícaro, Gama, Marcelo Telo, Ian R, Juliana Z, João Felipe, Pedro P, Úrsula, Giulia P, Henrique, Michel, Lara, Dharana, Luana G, Bruno, Matheus M, Matheus

A, Matheus F, Pedro B, Pedro G, Pedro V, Isabely, Artur R, Giovanna M, Luca B, Luca P, Victor V, Thalia, Mickaela, Clarice, Duda, Vitória, Dani, Ana, Ana C, Gabi, Gabi D, Maria M, Brenda, Luque, Laura, Thaís, Anna, Cristal, Manuela, Breno, Camila F, Pablo, Lohanna, Felipe N, Knídara, Lele, Arthur G, Nathalie, Mariana O, Joanne, Laura F, Leo C, Dada, Kevin, Fernanda S, Mariana R, Carolina S, Júlia R, João João, Gabriel V, Nicolas, Carlos A, Juliana G, Isadora E, Carol Pe, Carol Pa, Rafael F, Ney, Louise, Renata, Fernanda B, Luma, Renato L, Rodrigo L, Yuri, Matheus M, Pedro M, Hugo, Lola, Russinha, Allan, Alexia, Luna, Caio B, Pedro H, Mariana I, Nicolli, Vinicius C, Diego, Giulia Q,

Giullia C, Flávia R, Beatriz M, Carol L, Rodrigo M, Liliane, Cláudia P, Mila, Carol G, Pedro M, Ian S, Tânia, Thiago, Victor R, Antonio, Camila C, Rebecca, Luigi, Vivian A, Mariana C, Bianca G, Anna B, João Guilherme, Lygia B, Lygia C, Nise, Rita, John, Herta, Carl, Walter, Anaïs, Olívia, Nayana, Carol L, Carol C, Luzi, Renan, Paulo, Lucas B, Lua.

"O depois não está nem aí com a divisão entre passado e presente. O tempo rememorado de então e o de hoje que a cada dia seguinte também já é rememorado não vagueiam cronologicamente pela memória, mas como faceta de coisas. Detalhes sempre novos se esbarram, se acoplam de outro modo, parecem diferentes em cada acoplagem. Na cabeça vagueia a extensão mais

baixa das coisas. O depois é descaradamente novo em vista do que se acreditava se saber sobre ele. A extensão mais baixa regateia com o presente exatamente aquilo que ao seu tempo não era nem necessário nem relevante fazer ou dizer. A mistura com o presente faz parecer perfidamente a terceira, quinta ou vigésima faceta do tempo passado, o emaranhado de fios discretamente escondido

que antigamente estava ou próximo ou distante demais dos olhos. A rememoração tem o seu próprio calendário: coisas acontecidas há muito tempo podem constituir um passado mais recente do que acontecimentos de ontem". (MÜLLER, 2013, p.112).

RESUMO

No Livro de bolso articulo questões que me interessam muito. Em formato de contos, palavras e imagens, ando na corda-bamba entre o público e privado, o ficcional e o real. Transitar entre o mundo cotidiano da cidade e dos prédios e o mundo mágico dos castelos e das fadas é profundamente revigorante e, quase como se não houvesse diferença entre um e outro, vou caminhando a fim de encontrar uma linha no chão que os separe.

Palavras chave: Escrita de artista; gênero confessional; escrita ficcional; escrita memorialista; verdade subjetiva; devaneios oníricos.

SUMÁRIO

O livro de bolso	27
O caderno de bolso	156
Para você que me lê	183
Bibliografia	241

O livro de bolso

Calcinhas

O colecionismo sempre me fascinou. Quando me dei conta, eu tinha mais coisa de ver do que coisa de usar. Nem sei por onde eu comecei, só sei que manias foram criadas, e acabei adquirindo um carinho imenso por elas, como se fossem minhas amiguinhas, minha rede de apoio. Minha atenção vai toda para minhas manias, meus preciosos rituais. Afinal, quanto mais objetos, mais memórias de momentos especiais.

Isso também pode ter a ver com a ideia de eu não querer perder, de um momento para outro, memórias que são importantes. No meu ponto de vista, quanto mais eu lembrar, e quanto mais pontos de vista eu tiver sobre um momento, mais controle eu tenho sobre a minha vida. Então, tento ser o mais observadora possível. Dito isso, sei que da minha cama até a pia do banheiro são 22 pés, tanto quanto sei que aqui em casa temos 26 pratos de vidro. Essas coisinhas pequenininhas foram se tornando

coisinhas maiores até se tornarem coisonas imensas.

Quando eu tive minha primeira namorada, comecei a colecionar calcinhas. No início, eram só calcinhas que ela esquecia aqui em casa, depois elas começaram a ir para uma caixa com o nome dela. Essas são preciosidades que eu quero que morram comigo. Pouco tempo depois, eu comecei a colecionar calcinhas velhas minhas. Sempre gostei muito de calcinhas, no sentido estético da coisa: o tecido macio, as rendinhas,

os lacinhos, são objetos legais de se ver e tocar. Eu não jogava nenhuma delas fora, eu só guardava. No fundo no fundo, eu sabia que elas serviriam para um propósito maior.

Num dia qualquer, como por um passe de mágica, caí de paraquedas em um site de venda de calcinhas usadas. Um mercado fascinante, do qual muitos ouvem falar, mas poucos têm acesso. Foi aí que começou minha jornada como vendedora de calcinhas usadas. Meu hobby finalmente tinha um

propósito, e deixava muitas pessoas satisfeitas. Acontece que eu não entendia o porquê de tantos objetos serem descartados. Querendo ou não, a utilidade e o propósito de cada um podia ser criada a qualquer momento. Por mais que pareça que o propósito do colecionismo seja colecionar, não vejo problema em pensar que a utilidade de um objeto possa vir a ser a inutilidade do mesmo. Eu acredito e defendo a utilidade do inútil, por mais invisível que isso seja, de acordo com alguns olhos. Quanto menor é alguma coisa,

mais perto temos que chegar para dar uma olhada nela, por isso as menores coisas são as maiores, e requerem uma atenção mais especial do que as coisas grandiosas e escandalosas.

Foi assim o começo do meu ganha-pão no mercado de fetiches online. O cliente escolhe quanto tempo eu uso a calcinha e o que eu faço enquanto uso, existem categorias. "Usei essa calcinha enquanto me masturbava, cozinhava, me exercitava..." Eu tento ser o mais precisa possível, os

clientes amam e isso é um diferencial. Mando a calcinha acompanhada de um manuscrito. A descrição da atividade que eu mando com a calcinha é escolha do cliente. Caso eles queiram escritos mais detalhados sobre o que eu fiz usando a calcinha, o preço muda. Eis um exemplo de um envio específico:

Lavando a louça: Estou na cozinha, na frente da pia. Estou vestindo um casaco verde, uma blusa que vai até mais ou menos onde termina minha calcinha,

estou sem calças, mas uso meia e chinelo. Na pia há três panelas, uma jarra de liquidificador, duas frigideiras, uma caneca com uma colherzinha dentro, uma colherona, duas colheres de tamanhos normais, um garfo, uma faca e uma concha. Tiro tudo isso de dentro da pia e coloco na bancada do lado, antes de começar a lavar. Começo a lavar pela maior panela, pego a esponja na mão direita e começo a esfregá-la por dentro de maneira circular, subindo até a borda e depois a esfrego por fora de maneira

circular também. Eu gosto muito de lavar a louça quando a esponja é nova. Passo água sob a panela e, quando vou tirar a água, parte dela cai em cima de mim e me molha. Repito o mesmo com a caneca, enfiando minha mão lá dentro e esfregando a esponja por dentro dela, depois por fora, e por fim, enxaguando, passando a água por dentro e por fora. Passo a esponja por toda a louça, algumas eu começo por dentro, passando a esponja, e outras pelo lado de fora, colocando toda a louça que eu já passei a esponja do lado da pia pra

depois passar a água em toda ela de uma vez. No caso dos talheres, fecho minha mão na esponja e faço movimentos de cima a baixo para limpar eles todinhos. Esfrego todos os utensílios com bastante força para que não fique grudado nenhum pedaço de alguma coisa. Depois de passar água em tudo, coloco a louça à minha esquerda, sacudo minhas mãos para sair o excesso de água e as seco com um pano de prato amarelo.

Esse é um exemplo de uma calcinha usada por um dia só, que

são as menos valiosas. Quanto mais tempo de uso, mais caras elas ficam.

Dentro do mercado de fetiches ainda existem muitos outros souvenirs. Pijamas usados, biquínis usados, roupas de academia, áudios, mensagens de texto, videochamadas, sangue de menstruação, pêlos pubianos, saliva, e muitas coisas mais. Quanto mais criativo o cliente for, mais legal é de atendê-lo. Uma vez um cliente me pediu um vestido de calcinhas usadas, com 30 calcinhas.

Levei 5 meses para fazê-lo. Algumas delas usei por mais tempo que outras. Junto do vestido mandei um manuscrito especificando o que fiz com cada uma dessas calcinhas. Fiquei muito satisfeita com o resultado, tanto quanto meu cliente ficou. Esse foi um dos trabalhos mais divertidos desde que eu entrei para o mercado.

Calcinha da Gabi

Uma menina pela qual eu tive uma queda me emprestou uma calcinha uma vez. Gostei tanto da calcinha. Por ser dela, por ser de um material confortável, pela sua estética com dois lacinhos. Não pensei em devolver desde o momento em que a coloquei. Passado um tempo, me vi na casa dela usando a calcinha. Depois de tantos momentos, muita coisa já tinha acontecido. Enquanto tomava banho lavei a calcinha e a deixei lá mesmo, no box. O mistério da calcinha

perdida. Talvez ela nem tenha dado falta dela, e pensou consigo mesma que ela que a usava no dia anterior.

Segredos

Hoje eu vou falar sobre uma coisa que ninguém fala, mas que todo mundo pensa. Se você não sabe sobre o que eu tô falando: talvez seja porque você nunca falou sobre isso com alguém, mas sabe o que é e pensa sobre; ou você ainda não descobriu que as pessoas não falam sobre isso, e inconscientemente ainda não falou, mas já pensou algumas vezes e agora sabe que isso não é coisa pra se falar de jeito nenhum. Descobri recentemente que tentar falar sobre isso é inútil.

Algo acontece de um instante pro outro que torna impossível transformar o pensamento em palavras, ou qualquer coisa que seja. Por muito tempo, eu não falei sobre isso porque ninguém falava, e achei que fazia parte de um código ético. Outro dia pensei: eu vou ser a primeira pessoa a falar sobre isso, porque ninguém fala, só sabe e pensa. Mas é algo que não foi combinado, é simplesmente o que as pessoas fazem. Então, descobri que existe algo nesse lance de transformação pensamento-palavra que impede que isso seja

dito, e, por muito tempo, as pessoas não sabiam, mas quando tentam falar acabam não conseguindo. Achei que isso tinha que acabar, e o importante é que agora eu falei sobre isso, mesmo não falando.

Desde que senti pela primeira vez o invisível, aquilo que não pode ser visto a olho nu, comecei minha jornada catando os pedaços de pão que ele ia deixando para trás. Os adultos pareciam sempre estar a um passo à frente nessa procura, me dizendo repetidas vezes que "eu só entenderia quando

crescesse". O que seria isso que mesmo se eles me explicassem eu não entenderia? Porque eu não entenderia? Eles conheciam palavras que eu ainda não estava familiarizada? Ou eles só não queriam me contar O Grande Segredo da vida?

O oculto me causava sensações e sentimentos dos mais diversos, e passavam de um extremo ao outro em questão de segundos. Aliás, até quando ele é revelado, o mistério não acaba. Não há fim para o que é invisível, até mesmo quando ele se

torna visível. Sempre existirá algo por baixo do tapete. Quem conta o que é secreto, querendo ou não, tem uma grande intimidade com o segredo. O que é revelado tem o nome de quem revelou assinado; como o segredo foi contado: palavras utilizadas, narrativa, entonação e a parte que continua oculta. A tradução do segredo sempre terá o ponto de vista de quem o conta. É impossível se tirar da própria fala. Além disso, ainda existe o invisível por trás das próprias palavras. Por assim em diante, é interminável.

Foi aí que eu decidi juntar segredos. Quanto mais segredos eu souber de pessoas diferentes, mais pontos de vista possíveis, e mais próxima eu estaria do Grande Segredo da vida. Comecei a anotar todos os segredos que eu já sabia, com o nome da pessoa que me contou em cima. Tinha segredo de todo tipo. Segredo que a pessoa tinha inventado ela mesma, segredo que ela sabia de outra pessoa, segredo que tinha acontecido com ela, segredo de família, e vários outros. Tudo que eu não sabia e era revelado ia para

o caderno de segredos. Depois de um tempo, decidi alargar minha fonte de segredos. Era pouco eu só ter acesso ao ponto de vista de pessoas que eu encontrava na rua, ou que era amiga, ou conhecido-de-amiga, ou desconhecido-de-amigo-de-amiga. Criei um site específico com esse intuito. E melhor, através do site, o segredo poderia ser contado de forma anônima, criando assim um espaço onde não teria isso de medo-de-contar-segredo. Juntando o útil ao agradável, eu me tornei uma pessoa com título oficial de confidente. O

mistério do oculto nunca seria totalmente revelado, mas um dia eu me tornaria a pessoa que mais sabia de segredos do mundo, depois da memória, claro. A memória é a maior guardadora de segredos que existe. Quando não lembramos de alguma coisa, a memória vem e cata. É impossível revelar o que não está na memória. Se esquecemos, aquele assunto é dela e de ninguém mais.

Pelo medo de perder coisas que são minhas para a memória, desenvolvi o hábito de escrever

como uma forma de lembrar. Cada caderno é destinado para um tipo de coisa, ou três no máximo. Diários onde escrevo meus sentimentos, pensamentos, ações e desejos do dia. Listas onde tenho organizado todos os objetos que emprestei para cada pessoa e que não foram entregues, dinheiro que me devem e que eu devo, livros que li, metas, fotografias onde tenho registrado todo objeto que meu cachorro mastigou, além disso, existem os cadernos onde escrevo sobre meus amigos, familiares e pessoas da rua, sonhos-sonhados,

registro de todos os objetos que tenho em cada cômodo da casa, comidas que compro, lugares onde comprei, quanto paguei e o que consumi, palavras que uso, coisas que digo, coisas que escuto, coisas que toco, cheiros que sinto... O caderno de bolso existe para, caso eu não esteja com determinado caderno, usá-lo para qualquer tipo de nota e, depois, passo a limpo para o caderno em questão. Quanto mais detalhes, mais controle eu tenho. A cada ano, fico melhor nisso e os cadernos vão aumentando de tamanho e

quantidade. Tenho toda minha vida registrada.

eu tenho medo ainda tenho uma amiga imaginária desde que eu tenho 8 anos o excesso de amor que eu sinto por todos me deixa fraca muita importância é sofrimento isso vai me consumindo e não quero que saibam pois não quero também preocupação deles ainda não ouvi aquelas coisas por medo todo dia acho que tô ficando maluca

tô com coceira na xereca kk já escovei dente com escova de amigo não sei se é um segredo ou um defeito mas sou muito ciumenta já apanhei de um homem algumas vezes e continuei com ele porque achava que a culpa era minha não consigo dormir bem se não fumar uns 3 ou 4 baseados antes de deitar aos 12 eu tirei um tumor do tórax que na verdade era minha irmã gêmea que não sobreviveu eu gosto de pornô japonês mesmo com a censura das pirocas eu já roubei pincéis da loja consegui sair da cocaína e tô indo pro crack eu

nunca gozei quero pegar meu melhor amigo eu comia meleca até meus 12 anos eu nunca sei o que é meu e o que é do outro eu roubo biscoito da mochila do meu amigo quando ele desce pra hora do recreio eu me preocupo com o que gente que eu detesto pensa de mim eu sinto inveja de coisas pontuais de pessoas que eu amo de verdade me odeio tanto por isso uma pessoa que eu amo de verdade apanha dos pais, e eu não posso fazer nada pra ajudar uma amiga me procurou para ajudá-la quando ela foi estuprada pelo avô e eu não fui

presente eu não sei se eu amo odeio ou sou indiferente em relação a minha irmã realmente não sei eu tenho tanto medo da minha sogra que ela é a pessoa com quem eu mais sonho (eu não a conheço) eu sempre quis ter uma banda mas nunca me achei boa o suficiente eu sei que a minha inteligência é maior do que a média tudo é mais fácil e monótono pra mim meus pais tem lubrificante na gaveta já planejei passo a passo como faria para matar um cara em total anonimato quando eu era menor eu ia pra casa da minha tia depois

que eu tomava banho e quando não tinha ninguém eu vestia todas as roupas dela e quando eu tava com o cabelo molhado do banho eu fazia penteados e ficava me sentindo a maior gostosa era ótimo eu já matei umas aulas lá na reitoria só porque eu queria ir no ct fazer cocô e o banheiro de lá é bom uma vez fiquei amiga de uma mulher que me ligava toda semana para falar sobre um assunto da bíblia porque ela tinha o mesmo nome de uma amiga que eu gostava de beijar a senha do cartão da minha avó é a data do meu aniversário eu amo

cheiro de cravo já comi um farelo de pizza que tinha na minha cama há dois dias por preguiça de jogar no lixo quando eu era menor eu morava com a minha avó e eu descobri o ato de me masturbar e aí eu tava lá no ápice daquele meu momento de descoberta e a minha avó me flagrou aí eu disfarcei e disse pra ela que na verdade eu tava só me coçando e tava doendo aí eu inventei uma história e aí ela falou pra minha mãe e ela me levou no médico e ele me passou várias pomadas assim umas duas ou três e aí eu fiquei semanas passando

pomada e remédio no pênis à toa só porque eu menti três pratos sumiram lá em casa eu quebrei os três e ninguém sabe eu já bati punheta pensando em personagens de anime eu já fui com roupa de funeral pra faculdade uma amiga minha engravidou ano passado e ela só descobriu quando teve um aborto espontâneo eu guardo meus cílios caídos e unhas que eu corto em potinho seu dirijo bêbada e chapada eu menti onde eu moro pra uma menina da minha faculdade gostaria que meu pai se separasse da minha mãe sinto falta

do meu ex namorado às vezes eu tive piolho semana passada uma vez eu assisti sem querer um pornô do meu pai com a namorada dele no computador dele eu ensinei minha irmã a se masturbar com chuveirinho quando ela tinha 3 anos eu ainda assisto pornografia mesmo sabendo que é uma indústria que explora mulheres quando eu era menor eu queria passar por algo muito dramático e sobreviver às vezes eu sinto que deveria ter vindo ao mundo como um órfão eu tenho medo de ser abandonada escondo o emocional

do trabalho por medo de ser demitida sou artista mas não me considero uma eu amo rápido tenho certo medo de me apaixonar minha mãe já fez um aborto eu sou dependente químico quando eu tinha 5 anos eu beijava os meninos na van um ano e meio sem rivotril já me masturbei dentro do banheiro do colégio eu tenho muitos amigos mas sinto que não consigo amar ninguém meu porteiro já me assediou acho que estou sempre amarrado pelo ego tudo que eu faço é sempre movido pelo meu ego nem caio mais nas

armadilhas já viraram amarras que eu não consigo mais fugir tenho ranço de mim por causa disso mas parece que até quando eu faço algo para sair do ego o ato acaba sendo justamente para alimentá-lo mesmo estando com alguém eu me pego às vezes totalmente apaixonada por pessoas que surgem na minha vida inesperadamente eu digo pra mim mesmo que sou melhor todos os dias mas me sinto preso às mesmas ações repetidas do passado gosto do cheiro do bafo dos meus gatos

às vezes gosto do cheiro do meu cecê mas não gosto do cheiro dos outros eu fiz um ménage com a melhor amiga da minha ex namorada quando eu era mais nova eu senti tesão sentindo uma pessoa me esbarrando por trás meu pai é mentiroso compulsivo e às vezes eu tenho medo dele se matar eu já gozei imaginando meu namorado sendo comido pelo melhor amigo dele eu amo ver motoqueiros dirigindo tendo uma conversa lado a lado no único cio que minha gata teve antes de castrar ela ficou muito atiçada

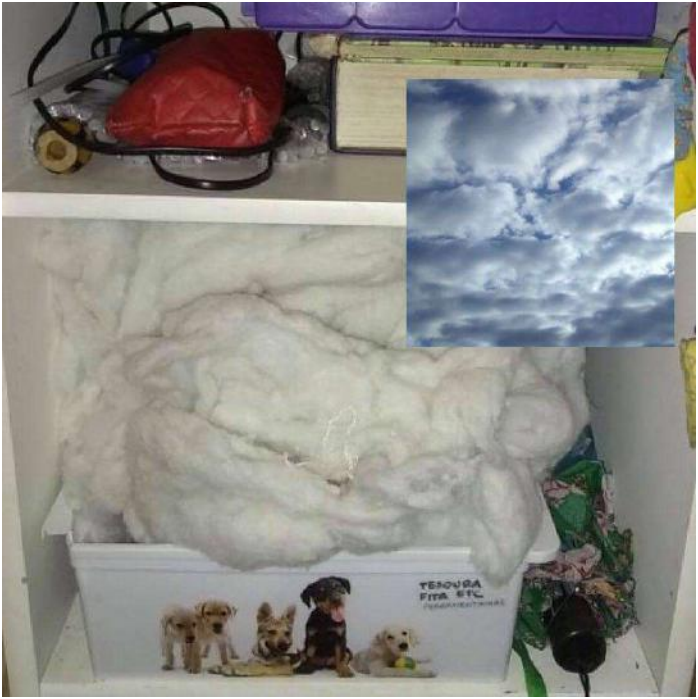
literalmente passava mal de tesão por assim dizer dava pena de ver minha namorada falou com uma amiga que nos aconselhou que a masturbássemos com cotonete e assim o fizemos masturbei minha gata com um cotonete uma vez sentada num carro com minha família comentei que não entendia o que era um beijo de língua no que minha mãe se virou e me deu meu primeiro beijo de língua no fim me perguntou se eu tinha entendido quando estava bêbada em minha cama senti vontade de fazer xixi e por uma mistura de preguiça e

anseios animalescos fiz xixi na caixinha dos meus gatos na varanda

Um grande segredo

Existem pessoas entre nós que são responsáveis pelas palavras. O questionamento aparece em qualquer lugar, a qualquer hora e, rapidamente, essas pessoas aparecem. Elas têm o dever - e o direito - da manutenção das palavras. Quando a coisa não faz referência ao nome, os inventores da Pura Língua do Nome sabem. Um dia existiu a transparência entre a linguagem ao que ela designava, há muito e muito tempo, quando as palavras ainda

não tinham alma. Hoje em dia, as palavras não cabem dentro delas mesmas. Por isso, é importante que os inventores da Pura Língua do Nome façam o trabalho de pegar as palavras uma por uma, com o intuito de aproximar a alma da palavra com a palavra em si. Assim juntinhas, haverá o momento em que nem um fio de cabelo passará entre elas.


TESOURA
FITA ETC

Um lugar que recebe o que chega

Penso experimentos como um meio de trabalhar minha atenção e, assim, os objetos e as coisas podem conversar comigo. Me concentro no momento presente como um meio de perceber ações rotineiras de uma forma diferente da qual eu já percebia. Pensar ações e experiências "simples"; como abrir todas as portas dos armários da cozinha e observar o ambiente se transformando me coloca em um lugar de satisfação. Em Notas sobre a experiência e o saber da

experiência, Jorge Larrosa Bondía escreve: "A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a

delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço". (BONDIA, 2002, p. 19). Minha vontade é viver a experiência da ação. É muito fácil agir de modo automático, ações rotineiras dificilmente são vividas. Me intriga viver o momento através da observação. A ação de escovar os dentes, por exemplo: perceber em que dente a escova toca, ter a calma de perceber. É

necessário se colocar numa posição receptiva. O nosso corpo fala, os objetos falam, o ambiente fala. É importante que estejamos com os ouvidos, olhos, narizes, boca e até com os órgãos internos abertos para escutar o que estão tentando nos dizer. Do ponto de vista comum, é difícil que se encontre um motivo para passar uma hora olhando através da janela. Se pensa muito em utilidade e, a meu ver, pensar em utilidade pode acabar por destruir o motivo da experiência. Cada vez mais, os momentos vividos não são

experimentados, não são da ordem da experiência. Uma ação é feita atrás da outra, e quando a ação está em atividade, ela não é vivida, porque quem a faz está pensando em todas as próximas ações que precisam ser feitas. Por isso, cada vez mais vejo, sinto e presencio o quão significativo é me abrir para essas experiências que são tão cotidianas, mas que, ao mesmo tempo, não são experienciadas da forma que eu me proponho experienciar.

Quando se trata de uma experimentação, acredito que a parte intuitiva tende a sussurrar nos nossos ouvidos. Parte de uma vontade, e da vontade percebemos a linguagem simbólica por trás daquela ação. Sempre me senti deslumbrada pelo que é simples mas, ao mesmo tempo, robusto. Para que algo desencadeasse uma corrida errante dentro da minha cabeça não era necessário que dessem um berro na minha cara. Dou mais importância à escolha entre uvas verdes ou roxas.

Toda nossa vivência é afetiva, assim como a experiência. Cada experiência é uma, mesmo se a repetirmos, ela nunca será a mesma.

Ônibus

Hoje eu conheci o Antônio. A única coisa que eu sei sobre ele é que ele está com problemas de saúde. A mãe dele faleceu há 5 anos, na mesma época que uma ex. Hoje ele é bem sozinho, ainda sofre muito com a morte da mãe, de acordo com ele foi a única pessoa que amou de verdade. Ela se preocupava e não gostava que ele corresse, mas ele disse que corria mesmo assim. Teve uma vez que caiu no bueiro e outra que bateu a cabeça, até entrou em coma por

quinze dias. Outra vez os testículos dele foram parar no joelho, aí ele teve que fazer uma cirurgia, sem anestesia. O saco ficou preto de sangue pisado. Lembro que ele escreve poemas desde 1985 e que o sonho dele é escrever um livro pra globo. Teve uma vez que ele estava na igreja e viu uma mulher chorando muito, por horas. Foi na secretaria pedir papel e caneta e escreveu um poema pra dar a ela. Ela parou de chorar na hora, lindo de ver. Descobriu que a mãe dela tinha falecido. Aí ela mostrou o poema para uma amiga que estava

do lado e ela começou a chorar também. Ele era todo prosa dos seus poemas. Escreveu mais de duzentos. Ele tem dois irmãos e uma irmã que não foi visitá-lo no seu aniversário há duas semanas. Ele corria maratona, mas nunca terminava. Uma vez, demorou sete horas. Terminava sim, mas nas últimas vezes não tinha terminado. Uma vez, comeu pão e leite e passou mal, outra ele ficou apertado e fez xixi na praia mesmo, atrás da árvore. Depois, até alcançou a menina que estava correndo perto dele. Ontem, ele

perdeu cinquenta reais que uma vizinha-amiga-ex amante deu pra ele pagar onde mora. Ficou muito triste. Sempre falava que era sozinho. Quase chorava quando falava da mãe dele e das oportunidades que perdeu. Queria ser poeta, mas é consultor de imobiliárias da Barra da Tijuca. Pediu meu número, mas mudei o último dígito. Sei lá né.

oi parar pra mijar
[illegible]
perdeu 50 reais que
- amiga - inamante
pagar aonde mora

600-6375

NSK

Rio de Janeiro, 07 de Maio de 2019.

Tesouro da Luz que
Hoje faz
Acender o clarão da
Imensidão do
Semblante da
Grande Emoção
Pelo seu Doce
Coração!
Antônio José
97 600-6375

patrimóvel

Barra - Matriz
Av. das Américas, 4201 - B. da Tijuca
22631-004 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: 3531 3539-6100
www.patrimovel.com.br

pediu m
o ultimo

08/0

tô ansi

21:14
Eu
Você
12 DE JANEIRO DE 2021
2:33
18:41
16 DE JANEIRO DE 2021
4:54
15:38
ONTEM
4:57
21:01
HOJE
11:40
15:44
Digite uma...

Vivo minha vida ao máximo

Vivo minha vida ao máximo, beijo, escrevo, bebo, me alimento da maneira que desejo, não fumo, mergulho no mar, não fantasio, me alimento mal, não me alimento, não bebo, fumo, não escrevo, gosto de como eu ajo, não leio, gasto dinheiro conscientemente, amo, tenho medo, não pego sol, sinto desprazer, não faço nada, deixo a casa pra lá, tento fazer tudo, dou amor, dou o que tenho, leio, não me arrependo, saio de casa, não mergulho no mar, amo como levo

a vida, não saio da cama, pego sol, me sinto feliz, tomo banho, sou carinhosa, ajo de maneira que não gosto, não desejo, vivo minha vida ao mínimo, me sinto infeliz, me sinto cansada, gasto muito dinheiro, arrumo a casa, tenho muita energia, sinto prazer, tenho orgasmos, odeio quem eu sou, finjo, sinto, me arrependo da minha fala, desejo, não beijo, fantasio.

NIVEA

Cinco minutos de observação

Clico no botão de gravar olho para o meu celular e estou falando há oito segundos olho para o meu dedo indicador direito olho para a tela do meu computador vendo uma playlist que a Ana e a Dani criaram para o aniversário da Ana erro quando vou falar foi para o aniversário da Dani clico coloco a palma da minha mão direita apoiada na mesa meus dedos estão no ar como se fosse anteceder ao encostar no mouse clico com o indicador direito enquanto estou

com a perna esquerda cruzada em cima da direita a minha mão esquerda segura o celular enquanto eu gravo o áudio olho para um pente rosa com cabelo antigo em cima da minha mesa de madeira do lado do pente tem uma caneca nanquim 0.7 e de seu lado tem um caderno que uso para a faculdade de seu lado meu caderno de estudo e em cima dele meu diário e do lado dele uma caneta bic na frente do caderno tem outro caderno a onde eu anoto os afazeres do dia e da semana em cima desse caderno de afazeres tem duas canetas bic

pretas uma verde e outra rosa um perfume de baunilha que minha tia fez e duas canetas que minha mãe comprou pra mim e um lápis do lado dessas canetas tem uma caixa de bananada são 7 porque eu já comi 4 e vieram 10 atrás dessas coisas tem uma caixa de papelão - eu não lembro como eu a consegui mas veio alguma coisa dentro dela - dentro dessa caixa tem um estojo de lápis de cor com dois compartimentos outro estojo com giz uma caixa de benalet um prednisolona outro estojo com umas canetas e lápis dois pedaços

de papelão do tamanho de uma folha a4 dobrada duas vezes e cortada uns pedaços de folha de papel onde eu escrevo listas outro estojo uma novalgina um saco plástico de presente pedaço de vela derretida dois carregadores do lado dessa caixa tem outra caixa com um instrumento dentro de um paninho e plástico bolha em cima dessa caixa tem um livro do lado do livro tem outro livro e do lado desse livro tem outro livro um em cima do outro e em cima deles um caderno do lado esquerdo tem um porta-coisas fita caneta faca pincel

palitinho canudo espátula marca-texto apontador.

Oral-B
Oral-B
Oral-B

Escovas de dentes

Tenho um carinho especial pela minha coleção de escovas de dentes. Cada uma delas tem o íntimo de quem a possuiu. Como se, por mais que a minha relação com a pessoa não existisse mais fisicamente, ela continuasse existindo através do objeto físico. Uma união selada para sempre, mais concreto do que qualquer casamento. No futuro, quando for possível a criação de clones, qualquer uma das pessoas que já me foi íntima, terá a possibilidade

de continuar a sê-lo, para todo o sempre. E assim, nunca mais precisarei me preocupar com os ciclos da vida: começos, meios e fins. Finalmente, terei a vida inteira em minhas mãos, como um controle remoto, que atende imediatamente as minhas necessidades de mudanças de canais.

Farei o mesmo com minhas coleções pessoais diversas. Cabelos que caem durante o banho, cílios, unhas, pedaços de pele do pé, pelos pubianos, saliva etc. Sempre tive

muita dificuldade de tomar decisões, quando for possível a criação de clones nunca mais precisarei me preocupar com isso. Quando precisar escolher entre uma coisa ou outra, eu terei outras eus pra desempenhar esse papel. A consciência de todas será conjunta, assim a clone número 8 não terá o mesmo desejo da clone número 2 pois todas terão feito tudo, percorrido todos os caminhos possíveis, sentido todos os sentimentos. O conceito de destino ou livre-arbítrio então irá se diluir, pois só existirá um destino e um

livre-arbítrio, tudo e todas as coisas serão livre-arbítrio, tudo será destino.

Casa Poly Grande
86,00
Kit muebles
58,00
Cilindro Pequeño

A casa

Estou em uma casa. Pessoas moram aqui, mas não estão. Acho que são três. Pelo que percebi, existe um filho. Brinquedos espalhados, máscara pequena de homem aranha, livros de matemática básica, cadernos. Não sei se a mãe ainda está com o pai, ou se o pai é o homem que mora aqui com ela, mas acho que sim. Não há indícios de que ele não é. achei um retrato deles três, mas nada comprova que ele é o pai. O filho é bem criança na foto, devia

ter por volta de uns três anos. não sei também se a foto é antiga. Não sei a quanto tempo a família não frequenta a casa. O que sei é que pelo menos há um ano estavam aqui. Existem máscaras pela casa, comidas ainda não estragadas na geladeira. Acredito que a mãe é francesa, observei muitos livros em francês na prateleira. Pela fotografia o homem também não parece ser brasileiro, mas isso foi só impressão minha. Mesmo assim, ele pode não ser francês, existe a possibilidade dele ser só de outra parte da europa. Algo me diz que o

filho é brasileiro. Algo os chamaram a este lugar. Não sei o que. curiosidade, interesse, trabalho, estudo, seja lá o que for. Estão criando uma vida aqui. A casa dá indícios de religiões diversificadas. na sala, um painel enorme de são jorge. Na cozinha sob a mesa, objetos judaicos: uma menorah, taça, livro. na parede, algo que vem de um pensamento budista; ou talvez isso seja indagação demais. Outros objetos interessantes: uma cabeça que constitui o corpo de um cabideiro, estruturando um corpo de gente;

um mapa enorme da américa do sul em uma mesa junto a uma tela pequena de computador, bolinhas orientais, um risco no chão perto de onde fica uma cadeira (me dá a impressão de ser uma marcação até aonde a cadeira "pode" ir, mas talvez seja só uma brincadeira de criança). Dentro do escritoriozinho que fica no quarto do casal encontrei dois certificados do Clayton, que, agora nomeado, sabemos ser brasileiro. Duas homenagens da república da adega ao eterno adegano. pesquisando na internet descobri que se trata de

uma república de ouro preto, o que me faz pensar que a família de Clayton é mineira. 10 anos de cultura, amizade e cachaça. uma república só para homens. A família que mora nesta casa então é formada por uma mulher francesa, um homem mineiro e um filho franco-mineiro. Debaixo da escada tem um armário significativo, lá estão treze chaveiros com a torre eiffel, apenas três deles têm chaves. o que essas chaves abrem eu não sei dizer ainda. Os livros que vi aqui que me interessaram foram: "Macunaíma", de Mário Andrade;

"Guia para uma vida feliz", de Masaharu Taniguchi, no qual encontrei escrito atrás da orelha do livro "aí que é ela"; "Através do espelho", do escritor Jostein Gaarder. Na gaveta do banheiro que junta os dois quartos, encontrei um caderno que tinha escritos franceses em sua grande parte, uma parte de escritos hebraicos também. Isso me faz pensar que além do clayton saber falar francês, ele aprende hebraico porque é ele quem é judeu. Enquanto a mãe explora muitas outras religiões. Não que ele não

explore também, mas a base dele é judaica. No escritório, em cima da mesinha onde estou escrevendo, visualizo uma cruz com jesus pregado nela. Um desenho feito pelo filho, um castiçal na estante, um estojo do brasil, uma mini escultura da torre eiffel. Muitos livros e cadernos atrás de mim, um sobre meu colo.

Toda casa tem suas manias. Não pode deixar o sapato no nível do chão, porque cachorro come. Não pode abrir muito a torneira do

chuveiro, se não fica sem água. Tem que bater a porta da geladeira com força pra checar se fechou. E por aí vai. Sempre achei muito interessante essas particularidades. Observar como a casa se encaixa na pessoa e como a pessoa se encaixa na casa. Se a casa tem móveis embutidos eu já acho maneiríssimo, mas só se for na cozinha, se for no quarto, que seja armário e não mesa ou escrivaninha, cama embutida nem pensar. A parte da casa que eu mais gosto é a cozinha; ir descobrindo onde fica o quê é como uma caça

ao tesouro. Bom mesmo é visitar pessoas que te fazem sentir tão em casa que você pode sair mexendo e descobrindo tudo.

Penso muito nas casas onde pude tomar banho. Eu amo tomar banho na casa dos outros. Até agora, a mais marcante foi a casa do pai do Marcelo. A água que cai do chuveiro se divide em finos fios de água causando uma potência massagista. Sabonetes, shampoos, cremes que nunca usei e nunca usaria. O gosto particular do anfitrião é descoberto através de

objetos de uso comum. Adoro essa sensação do fechar a porta do banheiro e poder usar tudo que tem ali à minha disposição. O paraíso que é ter aquele momento tão íntimo e metódico de tomar banho em um ambiente que "não é seu". Quando a porta do banheiro se fecha, você pode fazer o que quiser até ela ser aberta de novo. Ninguém te olha, é só você e o banheiro ali, tendo aquele momento super-íntimo.

Uma amiga muito próxima me abriu a jornada de visitas a casas

perto de mim. O ato de alugar uma casa que é de alguém por um dia me fez enlouquecer de pensamentos. A possibilidade de poder morar na mesma cidade em um bairro diferente: ver a cidade com outros olhos. Poder estar tão perto da pessoa que mora ali, sem nunca ter ouvido a sua voz. Entender como ela organiza sua cozinha, seus objetos, suas mobílias. Interessantíssimo.. Acho chato ir para casas que são mobiliadas e pensadas para receber pessoas de fora, já com o intuito de locação. O legal de ir nessas casas é

observar como essas pessoas preenchem esse espaço, que pratos escolhem, toalha de mesa, tapete... Imaginar que tipo de pessoa ela é de acordo com a cortina escolhida. Quando são casas específicas para aluguel de temporada sinto uma superficialidade que me dá repulsa. É tudo muito padronizado e nada específico. Não gosto. Nunca vou para casas que sei com certeza que são desse tipo. Até agora escolhi bem. Pude traçar histórias e observar de perto essas vidas muito interessantes. Imaginar com os olhos é mó gostoso. Além disso,

através dessas casas posso me tornar o tipo de pessoa que tem um cabideiro no quarto, ou o tipo de pessoa que guarda cadernos no banheiro. Incorporo esse personagem, moro nesse bairro, como em pratos rasos e tenho uma televisão no quarto.

SONHOS

INGREDIENTES: meio copo de leite, a mesma medida de água, um copo cheio de farinha de trigo, 4 ovos, uma colher de sopa de manteiga, uma colherinha de café de sal, uma colher de sopa de fermento em pó e óleo para fritar.

MODO DE PREPARAR: Coloque no liquidificador o leite, a água, o sal, a manteiga derretida e a farinha. Bata bem. Despeje numa panela e leve ao fogo brando. Faça um angu bem consistente, mexendo sempre, até soltar do fundo da panela. Retire do fogo e passe a massa para uma tigela de louça. Deixe amornar e sempre batendo junte os ovos, um de cada vez. Bata até formar uma massa lisa. Peneire o fermento e adicione à massa, que deve ficar com uma consistência regular, o bastante para pingar, sem esparramar.

Leve ao forno uma panela com bastante óleo. Quando o óleo estiver bem quente, vá colocando com o auxílio de duas colheres untadas no óleo quente, pequenas quantidades de massa. Logo que os sonhos comecem a crescer, diminua o fogo e agite a panela para que fiquem fofos, crescidos e cozidos por igual. Retire com a escumadeira, coloque sobre papel pardo para eliminar o excesso de gordura e sirva polvilhado com açúcar e canela.

Palavras; o real, o simbólico e o imaginário

Na escrita eu posso ser quem eu quiser e fazer o que eu quiser

hoje, por exemplo, eu fiz um piquenique num mato no meio do nada, comi coco do coqueiro e manga da árvore com pessoas queridas

também conheci outras pessoas queridas que agora fazem parte das pessoas queridas que eu já conhecia

aqui eu vejo água todo dia

mar e cachoeira

meus amigos queridos também podem ser e fazer o que der na telha porque aqui também tem papel e caneta pra gente escrever

Pensamento

O mundo começou a existir quando o primeiro pensamento foi pensado. Quando alguém pensou, o mundo se criou. A existência de cada pessoa se origina por um pensamento. Quando o pensamento não cabe em um lugar de tão grande uma criança nasce, um planeta é descoberto, uma ilha é achada, uma espécie de animal se origina. Chegamos a um ponto da vida do mundo em que existe tanta gente pensando pensamentos que a todo momento tem alguém

nascendo. Quando uma pessoa morre, isto quer dizer que um pensamento não foi falado, nem compartilhado. O pensamento entalou na garganta, e vai voltar em outra forma para ver se tem chance dessa vez.

Cabeça

Me sinto mais cabeça do que pé porque meus olhos estão na cabeça e é lá onde meus pensamentos são formados? Se meus pés tivessem olhos e eu visse por eles, talvez eu me sentisse mais pé? Já que o sentido que eu mais uso é a visão, me submeto a isso. Às vezes, não presto tanta atenção às outras partes do meu corpo, elas atrofiam. É legal sentir o meu pé tocando no chão, as pontas dos meus dedos no teclado e minha bunda na cadeira. Sinto como se minha alma estivesse

habitando só dos ombros pra cima,
e eu quero habitar todo o meu
corpo.

Maneiras de entrar em contato consigo mesma – parte I

1. separar ao máximo os dedos um do outro

2. alongar o pescoço até que ele toque o céu

3. reajustar os ossos da cabeça

4. mudar o fluxo do sangue

5. sentir o caminho que a comida faz da boca até o cu

6. observar a dança das mãos

7. adocicar a saliva

8. dar nome às pontas dos dedos de acordo com seus cheiros

9. deixar que os ombros conversem um com o outro

10. o ar que entra no corpo não pode envelhecer lá dentro - ele entra e sai

Maneiras de entrar em contato consigo mesma – parte II

1. colecione os fios de cabelo que caem durante o banho até que a quantidade desses fios encha uma

garrafa de dois litros (nenhum fio de cabelo pode ser perdido)

2. guarde sua secreção vaginal por um ano para conhecer mais intimamente seu cheiro com o passar do tempo

3. acumule cera de ouvido nas paredes do seu quarto, assim nenhuma palavra dita ficará presa nelas

4. conte a quantidade de saliva que você engole por dia

5. ao invés de roer suas unhas, corte e guarde-as para poder comer

a qualquer momento sem que elas
se acabem

VISOR

Quanto mais eu leio, mais me dá vontade de escrever

Eu escuto vozes na minha cabeça quando leio um livro. Não é a minha voz que eu escuto ao ler, é a voz de quem escreveu. Isso acontece até quando o livro foi traduzido. Quando eu escrevo, eu escrevo com a minha voz, e leio com a minha voz também. Sempre que eu leio um livro, a voz que vem na minha cabeça é a voz de quem escreveu aquelas palavras, eu a escuto dentro da minha cabeça e

passo a conhecê-la tão intimamente quanto conheço as palavras escritas do autor. Quando muda a pessoa que escreveu, muda a voz.

Impossível esquecer também a quem pertenceu cada livro que tem na minha estante. Alguns deles eu mesma comprei, novos. Mas grande parte deles já teve outros donos. Uns foram de amigas, conhecidas. Outros deles vivo procurando pistas para estar mais perto de quem eles pertenceram. Às vezes acho um nome, uma

dedicatória. Fico satisfeita, mas nunca paro de cavar esse pensamento. Incrível pensar que as mesmas vozes que se passaram na minha cabeça, já passaram por muitas outras.

Nietzsche
Historia do Brasil

O caderno de bolso

droit

droit

droit

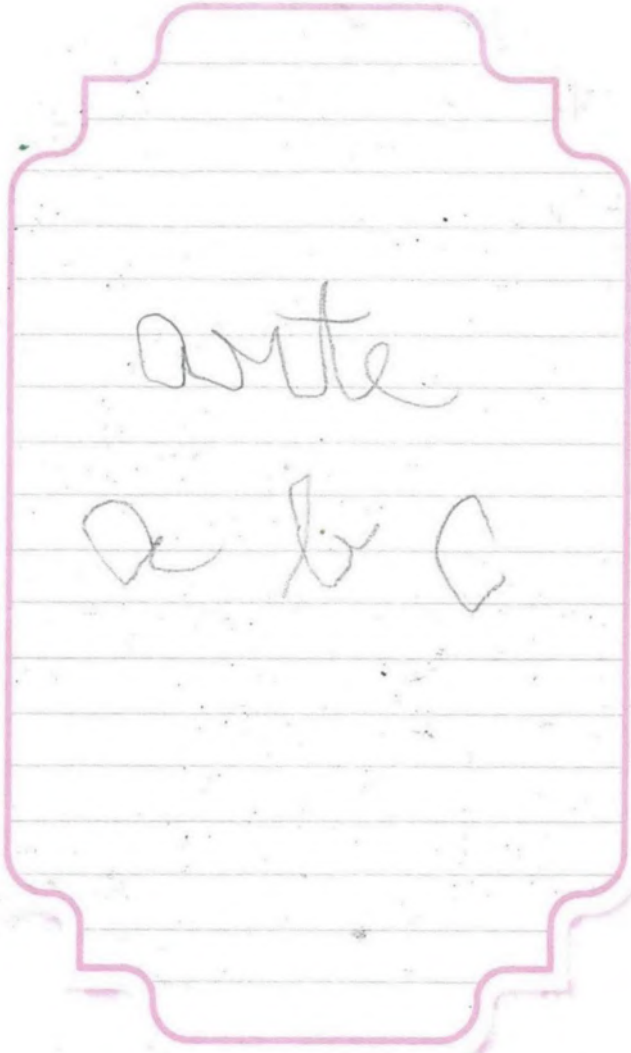
droit

Remetente

Endereço ZC

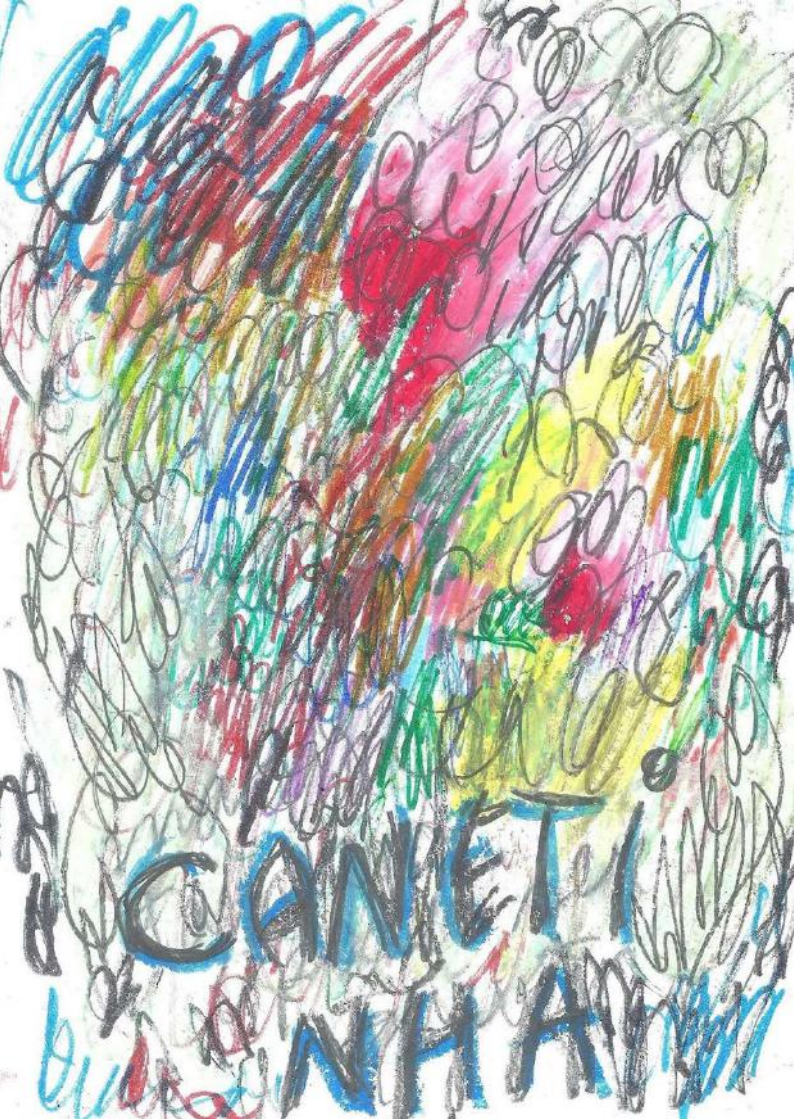
Cidade Estado CEP

de quantas
maneiras
diferentes
eu faço
a mesma
coisa

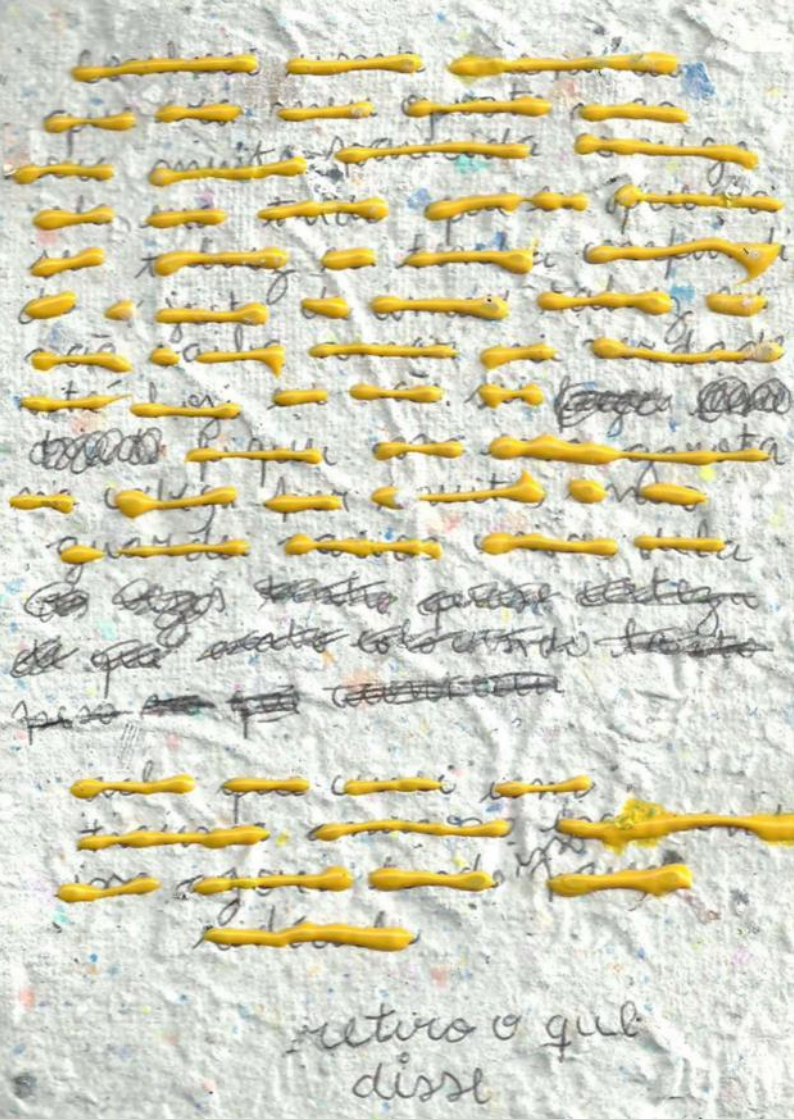

arte
de la C

Como escrever um texto:

palavra palavra palavra pala
vra palavra palavra palavra
palavra palavra palavra pala
vra palavra palavra palavra
palavra palavra palavra pa
avra palavra palavra pala
vra palavra palavra palavra
alavra palavra palavra pa
avra palavra palavra pala
vra palavra palavra palavra
palavra palavra palavra pa
lavra palavra palavra pala
vra palavra palavra palavra
palavra palavra palavra #
palavra palavra palavra pa
lavra palavra palavra pa
avra palavra palavra pala
a palavra palavra pala
vra palavra palavra pa
vra palavra palavra


CANETA
NHA

voltando para
esquerda voltando pra direita
esquerda direita esquerda
direita esquerda direita
esquerda direita esquerda
direita esquerda direita
esquerda direita esquerda
direita esquerda direita esquerda
direita esquerda direita esquerda
direita esquerda direita esquerda
direita esquerda direita esquerda
direita esquerda direita esquerda
direita esquerda direita esquerda
direita esquerda direita esquerda
direita esquerda direita esquerda
direita esquerda direita esquerda
direita esquerda direita esquerda
direita esquerda direita esquerda
direita esquerda direita esquerda
esquerda direita esquerda
direita esquerda direita esquerda
esquerda esquerda direita esquerda
direita esquerda direita esquerda
direita esquerda esquerda
direita esquerda


retiro o que
disse

gramminha verdinha

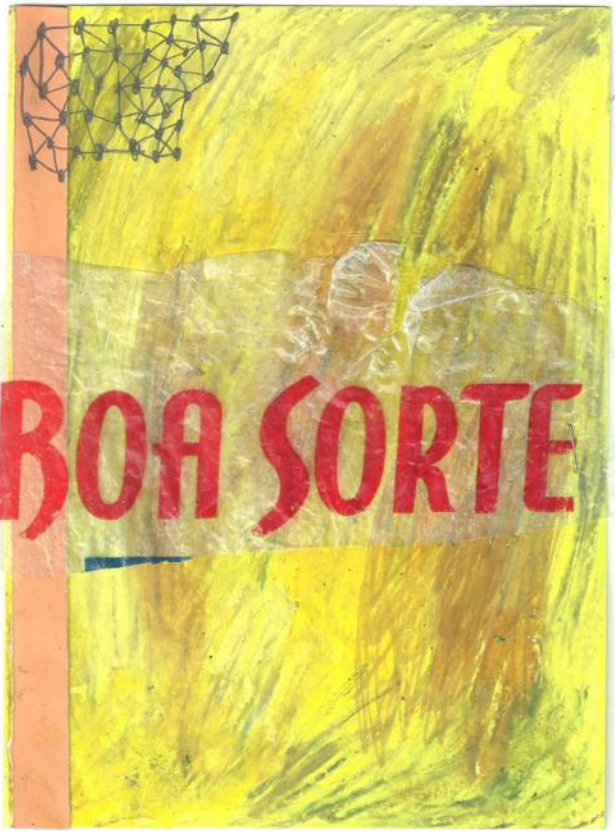
Jolie®
balbucio

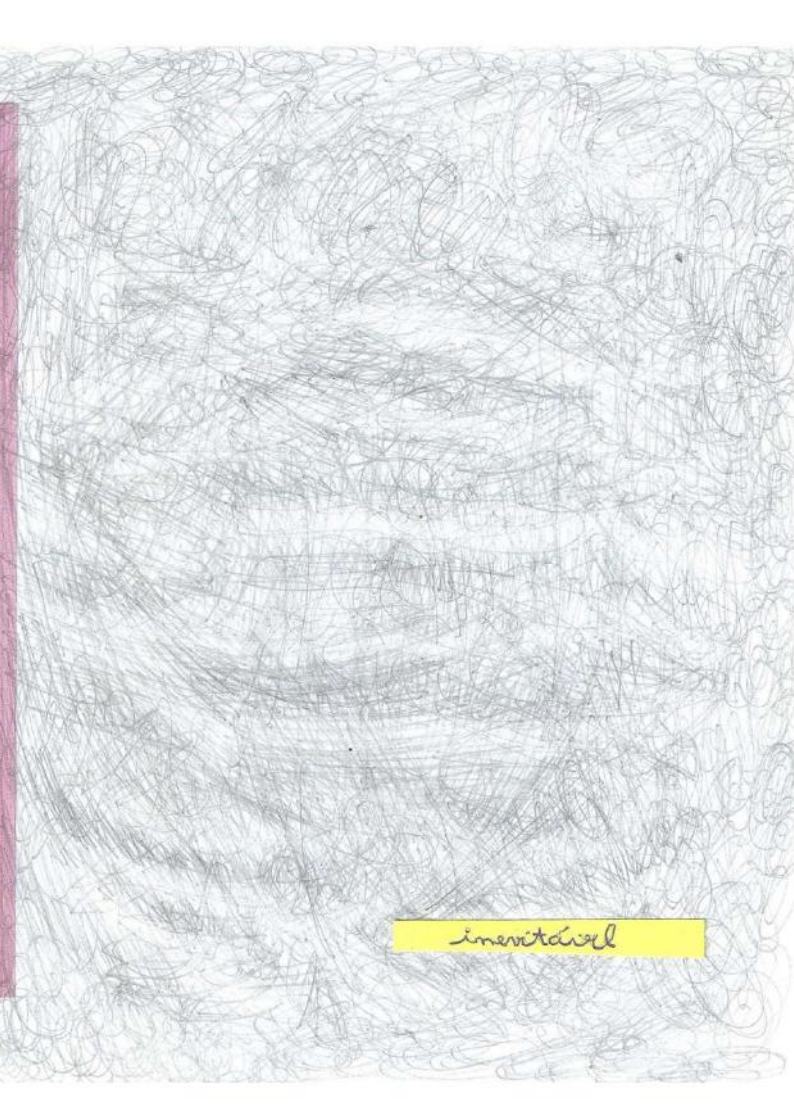
balbucio; como falar sem dizer nada
aaaaaaaaaaaatssssssssstssssstssssssstsss
..................affffffffffffffffnhenehnhenhenhenhe
buaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaashuaaaaaaaaa
aaatscccccccctssssssssssctsccccccchahaha
hahahahhahahhahkkkkkkkkkkkkkkkuhuhuhuhu
huhuhuhaaaahahahahh
uhumuhumuhummmmmmmmmmyummyyyyyyyu
myyumyyumyufffffffffffufffufufufufffffffcofc
ofcofcofcofcfocofocofuhuhuhuhuhuhu
ahahahahahahahahhahahhahakakakakkakak
akakkauahsauhsuahsuahushauhshnhenehenhenehenehenehenhunhaaaaaaaaaaaaaaa
uhaushsuahsuahushkakakakkakkkkkmmsmsm
mmmmmmmmmmmmmmmmmmmmmmmmmmmmmmmmmmmmmmmmmm
afffffffffffffffffffffffffffffffffffffffffffffffffffaaa
aaaaaaaafdffffffffffffuffffffff.......................ufuf
ffffffffffffffff...psiupsiupsiupsiupsiu
...........nhecnehcnhecnhecnhecba=uáaaaaaaaaa
aaaaaaaaaabuáaaaaaaaaaa...........nhanhanhanh
anhecnhecnhecnhecnhecnhecnhecnhe
lálálálálálálálálálélеéleéleéléufffffffffffffffffffff
fffffaffffffffffffffffffffffffffturiturituriturituriturituritsc
cccccctssssssssssssctsssssssc
tsssssssssssssssctsccccccccccckkkkkkkkkk
kkkkkkkkkkkkkkkkk.............hahahahahhahahha
hahhahahhahahah...,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,
nhanhanahnhanhanhanhayummyummyummynhe
canhecanhecanhecanhecanhecaufffffffffffffffffffff
fufffffffufffffaffffffffffafffffffffffff
aaaaaaaaaaaaaafffffffffffffffffffffffffffffffffffffff
ffffffffffffaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
crackcrackcrackcrackmhacnhacnhacnhacnhacnhac
nhacnhacnhackkkkkkkkkkkkkkkkkkkkuahsuahsuahsuahushaushuahsuahushaush

pedido do dia:

4ª: faça um pedido, acredite, ele vai acontecer
• 2ª: acredite muito que ele vai acontecer, você tem um pedido para cada dia

OBS: você não pode usar o pedido do dia duas vezes, ele só acontece uma vez


BOA SORTE


inevitável

31/05/2020 domingo
74º dia lua quarto crescente
Nenhum momento realmente pode ser guardado, só lembranças. A risada da minha avó, o papel toalha que ela guarda no peito pra assoar nariz a qualquer hora, o cheiro dela e até o cheiro do cocô dela são memórias que guardo comigo. A paixão que ela tem pelos homens é hilária pra ela. Só de ficar 5 minutos no quarto sozinha já da uma ansia no peito de saudade dela. Quando eu era criança passava o dedo no cú e fazia ela cheirar porque gostava da cara feia que ela fazia junto com a risada, eu tinha plena convicção de que ela era um anjo, parte de mim ainda acredita nisso. Ontem eu vim pra cá porque sonhei que a Lulu

Para você que me lê

Acho justo abrir este diálogo apresentando o primeiro livro que li que fez meus olhos brilharem, minha primeira paixão arrebatadora: A bolsa amarela, de Lygia Bojunga. Ele chegou até mim quando eu tinha por volta dos nove anos. Até hoje, sinto a necessidade de voltar a ele pelo menos uma vez por ano. A forma como a autora dá vida a objetos inanimados toca em uma parte muito íntima dentro do meu corpo. A narradora do livro, Raquel, também criança, tem vergonha de suas vontades tão grandes e que só aumentam, e

assim as esconde dentro de sua bolsa amarela. Quanto mais suas vontades crescem, mais pesada a bolsa fica. Através de uma de suas vontades, a de ser escritora, ela percorre a história criando amigos que esconde também dentro de sua bolsa. Ela de fato cria amigos. O primeiro amigo que aparece na história é o André. Um dia ela estava sem ter com quem bater papo, então escolheu um nome de que gostava e passou a escrever para ele a sua história. Inventava onde apareceria a resposta de André, como num pedaço de papel

de pão, levado pelo vento à janela do quarto etc. O que dá gosto à história é o poder da criatividade, o olhar de uma criança sobre a vida. A capacidade de entrar nesse mundo tão cotidiano e perceber que o simples é sim rebuscado. Entrar na brincadeira e descobrir um mundo muito mais divertido, é isto que me encanta. Despertamos um potencial muito importante ao nos deixarmos brincar, sem ter medo do ridículo, e percebemos, então, que brincadeira é coisa seríssima.

"A bolsa amarela não tinha fecho. Já pensou? Resolvi que naquele dia mesmo eu ia arranjar um fecho pra ela. Peguei um dinheiro que eu tinha economizado e fui numa casa que conserta e reforma bolsas. Falei que queria um fecho e o vendedor me mostrou um, dizendo que era o melhor que ele tinha. Custava muito caro, meu dinheiro não dava.

E aquele? - apontei. Era um fecho meio pobre, mas brilhando que só vendo.

O homem fez cara de pouco caso, disse que não era bom. Experimentei.

Mas ele abre e fecha tão bem.

O homem disse que o fecho era muito barato: ia enguiçar. Vibrei! Era isso mesmo que eu tava querendo: um fecho com vontade de enguiçar. Pedi pro vendedor atender outro freguês enquanto eu pensava um pouco. Virei pro fecho e passei uma cantada nele:

Escuta aqui, fecho, eu quero guardar umas coisas bem

guardadas aqui dentro dessa bolsa. Mas você sabe como é, não é? Às vezes vão abrindo a bolsa da gente assim sem mais nem menos; se isso acontecer, você precisa enguiçar, viu? Você enguiça quando eu pensar "enguiça", enguiça?

O fecho ficou olhando pra minha cara. Não disse que sim nem que não. Eu vi que ele tava querendo uma coisa em troca.

Olha, eu já vi que você tem mania de brilhar. Se você enguiçar na hora que precisa, eu prometo viver

polindo você pra te deixar com essa pinta de espelho. Certo?

O fecho falou um tique bem baixinho com toda cara de "certo". Chamei o vendedor e pedi pra ele botar o fecho na bolsa.

Cheguei em casa e arrumei tudo que eu queria na bolsa amarela. Peguei os nomes que eu vinha juntando e botei no bolso sanfona. O bolso comprido eu deixei vazio, esperando uma coisa bem magra pra esconder lá dentro. No bolso bebê eu guardei um alfinete de fralda que eu tinha achado na rua,

e no bolso de botão escondi uns retratos do quintal da minha casa, uns desenhos que eu tinha feito, e umas coisas que eu andava pensando. Abri um zíper; escondi fundo minha vontade de crescer; fechei. Abri outro zíper; escondi mais fundo minha vontade de escrever; fechei. No outro bolso de botão espremi minha vontade de ter nascido garoto (ela andava muito grande, foi um custo pro botão fechar).

Pronto! A arrumação tinha ficado legal. Minhas vontades tavam

presas na bolsa amarela. Ninguém mais ia ver a cara delas". (O fecho, in BOJUNGA, 2008, p. 29-31).

Em seu único livro de contos, Tchau, Lygia Bojunga conta, em "A troca e a tarefa", um pouco sobre seu modo de criação. Muitos de seus livros misturam ficção-realidade-ficção-realidade. Não de uma maneira em que dá pra discutir onde começa um e termina outro, não é como água e óleo. No conto "A troca e a tarefa", a narradora sofre de ciúmes da irmã,

que é sempre a preferida em tudo. Tão preferida que até o garoto por quem ela é apaixonada se casa com sua irmã. Ela se dói de ciúmes e tristeza.

"- Escreve a história dessa dor e eu te livro dela. É uma troca: eu te prometo" (...).

Então, quando a história ficou pronta, a vontade de morrer tinha sumido; o amor pelo Omar também: no lugar deles agora só tinha a história deles.

Fiz que nem a poesia: transformei o Omar no mar. Um mar tão bom de olhar. E inventei uma ilha pra botar nele: uma ilha pra eu ir lá morar: de praia de areia fininha, onde o mar chegava toda hora. E fui inventando uma porção de coisas pra acontecer na ilha.

A história ficou tão grande. Acabou virando um livro. Foi o meu primeiro livro. Se chamou 'Do outro lado da ilha'". (BOJUNGA, 2010, p. 99-100).

Isso já diz muito sobre a maneira que Lygia leva seu processo de criação, transformando a própria vida e a vida de seus personagens em um realismo fantástico. Esse modo de escrever tem um quê de confessional, ao dizer à narradora como se livrar da dor escrevendo, ela mostra aos leitores uma de suas maneiras de escrever, transmutando.

Lygia estabelece uma relação direta com seus leitores na parte de seus livros que se chama "Para você que

me lê", que muda de posição dentro de cada livro dependendo da história. A autora se torna personagem, confunde-se ou conversa com personagens, e, fazendo parte da história, fala um pouco de como foi a criação do livro. De maneira metafórica (ou não), Lygia não se tira dos livros que escreve. Ela se coloca de maneira confessional ao falar de suas vontades perante o livro e os personagens, travando um diálogo aberto sobre como foi seu processo de criação do livro. Lygia também comenta, tanto em seu processo de

escrita como dentro de suas histórias, a importância dos sonhos e do seu interesse pela psique humana.

"- Criar personagens, mexer com palavras, isso tudo é tarefa bem abstrata, e acho difícil a gente se ocupar dela todo o dia sem cair prisioneira do fascínio pelas investigações mentais. Portanto, a psicanálise, como investigação aprofundada que é dos processos mentais, me parece não só importante, mas muito fascinante

também. E acho que os sonhos - sempre tão presentes na minha escrita (e no meu sono) - traduzem o gosto e/ou a necessidade que eu sinto de namorar com o inconsciente (quem sabe até uma tentativa disfarçada de captar um pouquinho do mistério tão atraente que ainda envolve nosso departamento". (BOJUNGA apud PASSOS, 2018, p. 59).

"Pelo seguinte: nessa época eu já tinha me resignado com o meu jeito de escrever livro; já tinha

aprendido - à custa de viver muita impaciência - que, pra mim, fazer livro é ir puxando o fio que se dependura lá do meu sótão. (o tal sótão que a gente tem: nevoento, misterioso; onde mora o subconsciente, o sonho; a imaginação, a intuição; a fantasia, o medo). Já tinha aprendido também que eu tinha que puxar o fio devagar. Senão rebenta. Quando eu começava a puxar, o fio vinha arrastando lá de cima uma porção de coisas inesperadas (sons, imagens - lembranças? sonho? imaginação?), e quase sempre elas

tinham um jeito tão mandão, que iam logo inventando novas regras pro jogo e modificando o meu planejamento todo". (BOJUNGA, 2007, p. 75-76).

O mundo dos livros da Lygia se tornaram minha obsessão, e como ela é seus livros e seus personagens, a própria Lygia virou também minha obsessão. Já não sei quanto tempo faz. Não sei dizer se gosto do que gosto porque me mesclei com ela. Lembro das primeiras vezes ao ler algum de seus livros; o meu

espanto por me ver nela. Como é possível esse tipo de encontro? A paixão encontra caminhos que eu não acho possível entender totalmente. São os mistérios da vida. Não há explicação racional para todos os gostos e desgostos. Gostou, gostou. Não gostou, não gostou. Às vezes, tem um porquê, outras vezes é o que é. E foi.

Lendo livro após livro de Lygia Bojunga, não consigo deixar de fazer uma associação de sua escrita com ações ritualísticas e feitiços. A

meu ver, Lygia incorpora e performa esses atos através de seus personagens, sendo eles depoimentos autobiográficos ou não. Quando trago a ideia de feitiços e ações ritualísticas quero dizer que, através de suas histórias, vejo uma potência transformadora de sua realidade, mesmo que no mundo sensorial, sensível e imaginário.

De acordo com o dicionário, "um ritual é um conjunto de gestos, palavras e formalidades, geralmente imbuídos de um valor

simbólico, cuja performance é, usualmente, prescrita e codificada por uma religião ou pelas tradições da comunidade". Através de ações simbólicas - sejam elas atos concretos, pensamentos, palavras ditas ou escritas, histórias inventadas e muitos outros gestos - é possível estar próximo de uma ação transformadora. Ao se colocar diante de ações fora do comum, de ações simbólicas, entramos em contato com o mundo onírico do inconsciente, dos sonhos. Lygia alcança isso de diversas maneiras, como, por exemplo, trazendo o

pensamento animista às suas histórias. Algumas questões íntimas do ser humano só são trabalhadas e "resolvidas" em seu mundo interno, e a trajetória de expressão do mundo interno ao externo parece besteira para algumas pessoas, ou abstrato e surreal demais. A maioria dos adultos diria que um animal não poderia falar e acharia infantis as histórias de Lygia. Por isso, grande parte do público que lê Lygia é infanto-juvenil. Os adultos costumam se tornar tão racionais que não se dão conta do quanto

deixam o mundo simbólico de lado, acham bobeira conhecer e trabalhar seu mundo interior.

"Para a criança de oito anos (citando os exemplos de Piaget), o sol está vivo porque dá luz (e, podemos acrescentar, ele faz isso porque quer). Para a mente da criança, a pedra está viva porque pode se mover, como quando rola por um morro. Até uma criança de doze anos e meio está convencida de que um riacho está vivo e é dotado de vontade, porque sua

água está correndo. O sol, a pedra, e a água são considerados habitados por espíritos muito semelhantes às pessoas e, sendo assim, sentem e pensam como pessoas.

Para a criança, não há nenhuma linha clara separando os objetos das coisas vivas; e o que quer que tenha vida tem vida muito parecida com a nossa. Se não entendemos o que as rochas, árvores e animais têm a nos dizer, a razão é que não estamos suficientemente afinados

com eles". (BETTELHEIM, 2016, p.68).

De acordo com Terry Eagleton, "as crianças são os melhores teóricos, pois não receberam a educação que nos leva a aceitar nossas práticas sociais rotineiras como 'naturais' e, por isso, insistem em fazer as perguntas mais constrangedoramente gerais e universais, encarando-as com um maravilhamento que nós, adultos, há muito esquecemos. Uma vez que ainda não entendem nossas

práticas sociais como inevitáveis, não veem por que não poderíamos fazer as coisas de outra maneira". (EAGLETON apud hooks, 2017, p. 83).

A criatividade tem um potencial transformador, por isso é importante exercitá-la. A imaginação é uma linguagem que vai muito além da linguagem racional. Existe uma imaginação visual, tátil, olfativa, bucal, criadora, auditiva, emocional, sexual, intuitiva, intelectual. A

imaginação é o que muitos chamam de mundo onírico, o mundo interno que é invisível até o transformamos em algo no mundo externo.

"Uma palavra ou imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Essa palavra ou esta imagem têm um aspecto 'inconsciente' mais amplo, que nunca é precisamente definido ou de todo explicado. E nem podemos ter esperanças de defini-la ou

explicá-la. Quando a mente explora um símbolo, é conduzida a idéias que estão fora do alcance da nossa razão. A imagem de uma roda pode levar nossos pensamentos ao conceito de um sol 'divino' mas, neste ponto, nossa razão vai confessar a sua incompetência: o homem é incapaz de descrever um ser "divino". Quando, com toda a nossa limitação intelectual, chamamos alguma coisa de "divina", estamos dando-lhe apenas um nome, que poderá estar baseado em uma crença, mas

nunca em uma evidência concreta." (JUNG, 1964, p. 20).

Através de símbolos, entramos em contato com sentimentos, lugares, pessoas, sons, cheiros... Os símbolos são diferentes dos signos. Por exemplo: o semáforo vermelho indica que o carro deve parar. Não significa nada além disso. Ele é um signo que significa uma ação. O símbolo do carro é algo diferente disso. Pode significar muitas coisas diferentes dependendo de cada pessoa. Para mim, o carro pode

remeter a sensações de movimentação, viagem, posso sentir o cheiro de gasolina e ele me trazer um conforto, pois o associo a viagens de família que ia quando criança. Para uma pessoa que perdeu um parente querido em um acidente de carro, pode ser que o símbolo venha com uma carga sentimental forte de angústia e tristeza. Os símbolos e o por-detrás-das-coisas podem vir de diversas formas: sentimentais, racionais, sexuais, intuitivas, sensoriais... Estamos, o tempo todo, cercados por símbolos. O que

representa "ser bem sucedido", ou o que representa "beleza", "tesão", "diversão", "trabalho"? Muitas vezes, esses símbolos populares não ressoam em nós, não trazem a sensação na qual aquilo foi simbolicamente posto. Por isso é tão importante estar atento ao que cada símbolo realmente causa, individualmente. É isso que Jung traz quando fala sobre interpretação de sonhos. É necessário entender o que aquele símbolo te trouxe, quais sensações e sentimentos, para depois, caso

queira, entender o que ele mesmo representa.

Pelas palavras, alcançamos um "além da razão", é isto que me instiga. A finalidade da narrativa não é um fim, mas um meio de brincar. A possibilidade de ter uma visão "torta" das coisas é um alívio em meio à sociedade em que vivemos, é um escape em meio à necessidade de produção e de "utilidade". Temos que continuar vivendo nossa "criancês". Essa palavra eu pego emprestada de

Manoel de Barros, que é outro que tem doutorado em brincar.

"(...) Quando eu era criança eu deveria pular muro do vizinho para catar goiaba. Mas não havia vizinho. Em vez de peraltagem eu fazia solidão. Brincava de fingir que pedra era lagarto. Que lata era navio. Que sabugo de milho era boi. Eu era um serzinho mal resolvido e igual a um filhote de gafanhoto. Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem

comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Porque se a gente fala de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da

natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores". (BARROS, 2015, p. 15).

Lygia e Manoel tocam em pontos muito parecidos ao brincar com as palavras, mas de formas bastante diferentes. A possibilidade de criar uma extensão do mundo interno por meio das palavras diminui cada vez mais os limites entre a fantasia e a realidade, fazendo com que tudo seja colocado no

liquidificador e servido no mesmo copo. A junção desses dois mundos torna sua distinção infrutífera, não mais importa o que é do universo interno ou externo do narrador, a oportunidade de estar ao mesmo tempo nesses dois universos é o que traz conforto e satisfação. Manoel ainda entra em outra questão que é a filosofia da palavra. Trazendo conceitos como "despalavra", "criancês", "livro de pré-coisas", entre muitos outros. Manoel traz a ideia de que a palavra diminui o sentido das

coisas, e eu não poderia concordar mais.

"O rio que fazia uma volta atrás de nossa casa era a imagem de um vidro mole que fazia uma volta atrás de casa.

Passou um homem depois e disse: Essa volta que o rio faz por trás de sua casa se chama enseada. Não era mais a imagem de uma cobra de vidro que fazia uma volta atrás da casa. Era uma enseada.

Acho que o nome empobreceu a imagem". (BARROS, 2015, p. 85).

"Veio me dizer que eu desconstruo a linguagem. Eu desconstruo a linguagem? Vejamos: eu estou bem sentado num lugar. Vem uma palavra e tira o lugar de debaixo de mim. Tira o lugar em que eu estava sentado. Eu não fazia nada para que a palavra me desalojasse daquele lugar. E eu nem atrapalhava a passagem de ninguém. Ao retirar de debaixo de mim o lugar, eu desaprumei. Ali só

havia um grilo com sua flauta de couro. O grilo feridava o silêncio. Os moradores do lugar se queixavam do grilo. Veio uma palavra e retirou o grilo da flauta. Agora eu pergunto: quem desestruturou a linguagem? Fui eu ou foram as palavras? E o lugar que retiraram de debaixo de mim? Não era para terem retirado a mim do lugar? Foram as palavras pois que desestruturaram a linguagem. E não eu". (BARROS, 2015, p. 120).

Sophie Calle é uma multi-artista que me interessa muito. A meu ver, ela traz o mundo da ficção tão para perto de sua vida que a fantasia e a realidade são apenas um único ponto de vista. Seus trabalhos têm um quê de experiência social, um quê de viver vidas diferentes através de personagens que ela cria para si mesma. Para ela, utilidade não interessa. A experiência é a cereja do bolo. Para ela, ser artista é um estilo de vida. Paul Auster, em seu livro Leviatã, transforma Sophie Calle em uma personagem da história.

"Maria era uma artista, mas realizava um trabalho que nada tinha a ver com criar objetos que se costumam classificar de artísticos. Algumas pessoas se referiam a ela como fotógrafa, outros a chamavam de artista conceitual, outros ainda a consideravam uma escritora. Mas nenhuma dessas descrições era a adequada e, no final das contas, acho que nenhum desses rótulos lhe servia. Seu trabalho era maluco demais, idiossincrático demais, pessoal

demais para ser enquadrado em qualquer meio de comunicação ou disciplina. Deixava-se tomar por ideias, desenvolvia projetos, apareciam resultados concretos que podiam ser mostrados em galerias, mas essa atividade nascia menos do desejo de fazer arte do que da necessidade de seguir suas obsessões, de viver a vida precisamente como queria. Viver estava sempre em primeiro lugar e, entre vários de seus projetos mais demorados, havia aqueles feitos estritamente para si mesma e nunca mostrados a ninguém.

Desde os catorze anos, guardava todos os presentes de aniversário que ganhava - ainda embrulhados e caprichosamente enfileirados em prateleiras de acordo com o ano. Depois de adulta, passou a oferecer jantares de aniversário em sua homenagem todos os anos, convidando sempre tantas pessoas quantos os anos que completava. Em algumas semanas, seguia o que chamava de "dieta cromática", permitindo-se apenas alimentos de uma cor determinada a cada dia. Segunda-feira, cor de laranja: cenoura, abóbora, camarão

refogado. Terça-feira, vermelho: tomate, caqui, bife tartar. Quarta-feira, branco: linguado, batata, ricota. Quinta-feira, verde: pepino, brócoli, espinafre - e assim por diante, até a última refeição no domingo. Em outras ocasiões, fazia divisões semelhantes baseando-se nas letras do alfabeto. Dias inteiros eram passados sobre o encanto do b, ou do c, ou do w, e depois, tão repentinamente quanto começara, abandonava o jogo e partia para outra coisa. Não passavam de caprichos, suponho, pequenos experimentos com a ideia de

classificação e rotina, mas jogos semelhantes podiam igualmente durar vários anos. Havia o projeto a longo prazo de vestir o sr. L, por exemplo, um estranho que conhecera certa vez numa festa. Maria o achou um dos homens mais bonitos que já vira, mas vestia-se de modo catastrófico, considerou também. Sem anunciar suas intenções a ninguém, encarregou-se de melhorar seu guarda-roupa. Todos os anos, no Natal, mandava-lhe um presente anônimo - uma gravata, um suéter, uma camisa elegante - e, como o sr.

L frequentava mais ou menos os mesmos círculos que ela, volta e meia o encontrava, notando com prazer as mudanças sensíveis em sua indumentária - pois o fato era que o sr. L sempre usava as roupas que Maria mandava. Até mesmo o abordava nessas reuniões para comprimentá-lo pelo bom gosto, mas não foi além disso e nunca ocorreu ao homem que fosse a responsável pelos pacotes natalinos." (AUSTER, 1992, p.67).

Em seu livro Histórias Reais, Sophie Calle agrupa histórias confessionais. Transitando entre o mundo público e o mundo privado, externo e interno, ela traz pequenas histórias pessoais de assuntos íntimos diversos. No decorrer do livro, vai criando uma personagem para si mesma. As histórias não são de um mundo fantasioso, elas são bem reais, como diz o título, podem ter acontecido, mas, em muitos momentos, me ocorre um sentimento de estranheza, um certo incômodo. Em uma entrevista, Sophie diz que queria

contar histórias interessantes sobre sua vida para seu psicanalista, como um meio de entretê-lo, daí se cria uma figura interessantíssima, que é sim a Sophie Calle "verdadeira", com sua história real. O livro tem cunho memorialístico, um gostinho de diário. Por mais que, talvez, ela tenha escrito meias-verdades, não significa que as histórias não sejam verdadeiras. A ficção, a imaginação e a criatividade são métodos metafóricos para se falar da realidade, já que o campo racional nem sempre dá conta e é limitado.

Entramos, nesses termos, em uma discussão sobre o que é real e o que não é. A Verdade não existe de fato, ela é sempre um ponto de vista de quem a conta, já que implica observação do espaço, memória afetiva, percepção sensorial, entre outros aspectos. Percebemos isso quando pensamos sobre o que aprendemos em história geral nos colégios, uma vez que o que nos é contado não é neutro, as histórias sempre partem de um ponto de vista de quem a conta.

Lygia Bojunga, Sophie Calle e Anaïs Nin trazem a ideia da escrita íntima, transportando tanto vida pessoal quanto vida pública às suas ficções em seus textos. Anaïs Nin é uma escritora bastante reconhecida hoje em dia pelos seus diários. Ela foi bastante criticada em sua época ao ser descoberto que seus diários não eram cem por cento verídicos. O intuito de Nin, através da sua escrita, sempre foi criar um mundo onde fosse confortável viver, já que ela vivenciava um período de guerra, que somava às suas questões

pessoais aos acontecimentos do mundo político. Seus diários eram uma porta para um lugar utópico, onde ela podia ser quem ela quisesse ser, trazendo, por meio da escrita, suas vontades internas cada vez mais para o mundo externo. Como dizer então que seu diário era falso? Se através dele ela alcançava ainda mais parte de quem ela era?

"Nos dicionários muitas vezes a palavra ficção aparece como "produto de imaginação", sendo posta, desta forma, em oposição à

–verdade‖. No entanto, se considerarmos que para perceber a realidade é necessário ativar os instrumentos psíquicos ligados a capacidade de imaginação, a ficção torna-se uma espécie de tradutora do real. Esse é o pensamento do crítico literário Wolfgang Iser. Criam-se ficções para explicar a existência, ficções que, no caso, não podem ser equiparadas simploriamente a mentiras, mas como mediações entre o real referente e a produção da escrita, ou seja, ficcionaliza-se para

representar o ausente". (NIN apud THOMAZ, 2010, p.19).

"Como bem se sabe, a escrita de diários corresponde à percepção de uma memória recente, normalmente, com fatos ocorridos no mesmo dia. A escrita diarística, no caso, pode servir como uma tentativa de driblar as mudanças do tempo conferidas à memória, ou como a própria Nin explica, para sentir o gosto da vida duas vezes. Simultaneamente, também corresponde a uma escrita que

fabrica uma nova memória, não só pela própria impossibilidade de traduzir percepção em linguagem, mas como na própria preocupação de seus autores em fabricar uma memória, principalmente em Nin, onde a preocupação em produzir com seus diários uma obra maior é visível". (NIN apud THOMAZ, 2010, p 28).

"Pra mim, escrever diário era uma cerimônia meio secreta: eu achava superdifícil escrever na sala, ou tendo alguém perto. A impressão

era que eu só escrevia mesmo se eu ia pro meu quarto e fechava a porta. Me habituei. E até hoje, mesmo pra escrever uma carta, o meu primeiro movimento é me isolar e fechar a porta (BOJUNGA, 2007, p. 61).

"Eu sempre invento minha vida" (NIN, 1973, p. 35).

"Eu não sou uma mentirosa patológica. Eu não minto por compulsão ou doença, mas por lucidez e inteligência, para ser

capaz de viver a vida dos meus sentimentos, instintos, natureza sem destruí-la". (NIN apud THOMAZ, 2010, p. 125).

"A noção de intimidade mudou de conteúdo. Esta noção se definia em relação ao outro, em função do segredo. O diário era um domínio escondido. Ele era íntimo na medida em que escapava do olhar do outro. Talvez sob a influência da psicanálise, a intimidade é cada vez mais definida pela relação com o inconsciente e os diferentes níveis

do eu" (NIN apud THOMAZ, 2010, p. 45).

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Raquel Thomaz de. (2010). *A Arte da Memória: Uma Análise da Escrita de Anaïs Nin*. Orientadora: Dra. Maria Lucinete Fortunato. Dissertação (Mestrado em História) - Curso de História, Centro de Humanidades Unidade Acadêmica de História e Geografia, Universidade Federal De Campina Grande, Campina Grande. Disponível em: http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/handle/riufcg/2154. Acesso em: 25 nov. 2021.

AUSTER, Paul. (1992). *Leviatã*. São Paulo(SP): Best Seller.

BARROS, Manoel de. (2015). *Meu quintal é maior do que o mundo*. Rio de Janeiro(RJ): Alfaguara.

BETTELHEIM, Bruno. (2016). *A psicanálise dos contos de fadas*. 33º edição. São Paulo(SP): Paz e Terra.

BOJUNGA, Lygia. *Livro - Um encontro*. (2007). 6º edição. Rio de Janeiro(RJ): Casa Lygia Bojunga.

BOJUNGA, Lygia. (2008). *A bolsa amarela*. 34º edição. Rio de Janeiro(RJ): Casa Lygia Bojunga.

BOJUNGA, Lygia. *Tchau*. (2010). 19º edição. Rio de Janeiro(RJ): Casa Lygia Bojunga.

BOJUNGA, Lygia. *Intramuros*. (2016). Rio de Janeiro(RJ): Casa Lygia Bojunga.

BONDÍA, Jorge Larrosa. (2002). *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Revista Brasileira de Educação. Disponível em:<http://www2.unirio.br/unirio/cla/ppgcla/ppgeac/processos-seletivos-discentes/2014/bibliografia-arquivos-para-download/bondia-

larrossa.-notas-sobre-a-experiencia-e-o-saber-da-experiencia/view>. Acesso em: 4 dez. 2021.

CALLE, Sophie. (2015). *True Stories*. Inglaterra: Actes Sud.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. (2014*). Mulheres que correm com os lobos: Mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem*. Rio de Janeiro(RJ): Rocco.

hooks, bell. (2017). *Ensinando a transgredir: A educação como*

prática de liberdade. 2º edição. São Paulo(SP): WMF.

JUNG, Carl G. (1964). *O Homem e seus Símbolos*. 13º edição. Rio de Janeiro(RJ): Nova Fronteira.

MÜLLER, Herta. (2013). *O rei se inclina e mata*. São Paulo(SP): Globo.

NIN, Anaïs. (1973). *The Journal of Anaïs Nin*, Volume I. Londres: Quarted Books Limited.

NIN, Anaïs. (1979). *Passarinhos: As Confissões Eróticas de Anaïs Nin*. Rio de Janeiro(RJ): Record.

NIN, Anaïs. (2010). *Delta de Vênus: Histórias Eróticas*. Porto Alegre(RS): L&PM.

PASSOS, Vanessa. (2018). *Manual de estilo e criação literária com a artesã Lygia Bojunga*. Belo Horizonte(MG): Letramento.